

/ Mercado de Frete e Conjuntura de Exportação

O mercado para serviço de frete rodoviário no estado do Mato Grosso, em abril de 2021, registrou desaquecimento em relação ao mês anterior, em função do término da colheita de soja e com atenção no início da semeadura do milho.

A tendência é de recuo nas cotações dos fretes rodoviários em Mato Grosso nesse período de entressafra, com uma grande preocupação por parte das empresas de transporte em relação ao provável tamanho da safra de milho. Com uma eventual quebra de safra, haverá menos produto a ser escoado e, consequentemente, menor demanda por transporte rodoviário, o que deve refletir negativamente nos preços.

A preocupação existe em outras regiões produtoras de modo geral, em função de que, se houver quebra de safra do milho no Mato Grosso e em outros estados produtores, como Paraná e Mato Grosso do Sul, por exemplo, o efeito sobre o mercado será o mesmo, já que haverá migração de oferta de transporte inter-regional, o que pressionaria os preços em Mato Grosso.

A medida em que a 2ª safra de milho for avançando no contexto estadual e nacional, a situação vai ficando mais clara, mas o mercado de frete já está pressionado pelos elevados preços do diesel e qualquer fator adicional pode aumentar essa pressão mesmo com um cenário ainda favorável no mês de abril com cotações consideradas elevadas para o período, devido à colheita de soja que gerou grandes volumes para escoamento do Mato Grosso.

Foram registradas reduções de até 22% em relação as altas cotações do mês passado (Tabela 1).

TABELA 1 / Preços de frete praticados em Mato Grosso

ROTAS		R\$ / t				VARIAÇÃO PERCENTUAL (%)	
DESTINO-UF	ORIGEM-UF	KM	abr/20	mar/21	abr/21	ANO	MÊS
SANTOS/SP	SORRISO/MT	2.171	320,00	390,00	350,00	9%	-10%
	PRIMAVERA/MT	1.632	255,00	330,00	280,00	10%	-15%
	RONDONÓPOLIS/MT	1.506	240,00	310,00	260,00	8%	-16%
	CAMPO NOVO/MT	2.210	320,00	390,00	340,00	6%	-13%
	QUERÊNCIA/MT	1.817	305,00	360,00	310,00	2%	-14%
PARANAGUÁ/PR	SORRISO/MT	2.212	235,00	300,00	250,00	6%	-17%
	PRIMAVERA/MT	1.747	240,00	310,00	260,00	8%	-16%
	RONDONÓPOLIS/MT	1.621	160,00	220,00	180,00	13%	-18%
ALTO ARAGUAIA/MT	SORRISO/MT	874	135,00	180,00	140,00	4%	-22%
	PRIMAVERA/MT	335	70,00	95,00	80,00	14%	-16%
ARCO NORTE	SORRISO/MT – MIRITITUBA/PA	1.017	190,00	260,00	220,00	16%	-15%
	SORRISO/MT – SANTARÉM/PA	1.380	250,00	320,00	280,00	12%	-13%
	CAMPO NOVO/MT – PORTO VELHO/RO	1.179	160,00	220,00	180,00	13%	-18%
ARAGUARI/MG	QUERÊNCIA/MT	1.141	185,00	260,00	210,00	14%	-19%
COLINAS/TO		1.194	185,00	260,00	220,00	19%	-15%
SÃO LUIS/MA		2.242	315,00	370,00	330,00	5%	-11%

Fonte: Conab

Nota: Pesquisa mensal realizada pela Conab-MT para monitorar as rotas mais relevantes de corredores logísticos com origem no Estado, com objetivo de alimentar banco de dados e subsidiar a elaboração de conjunturas econômicas e eventuais trabalhos da Companhia. A pesquisa não se propõe a definir preço referencial de mercado, tratando-se somente de uma coleta de informações.

O mercado do milho segue com preços firmes sustentado pelas demandas internacional e doméstica, câmbio favorável às exportações e perspectivas, ainda que iniciais, de uma possível quebra no rendimento da segunda safra brasileira.

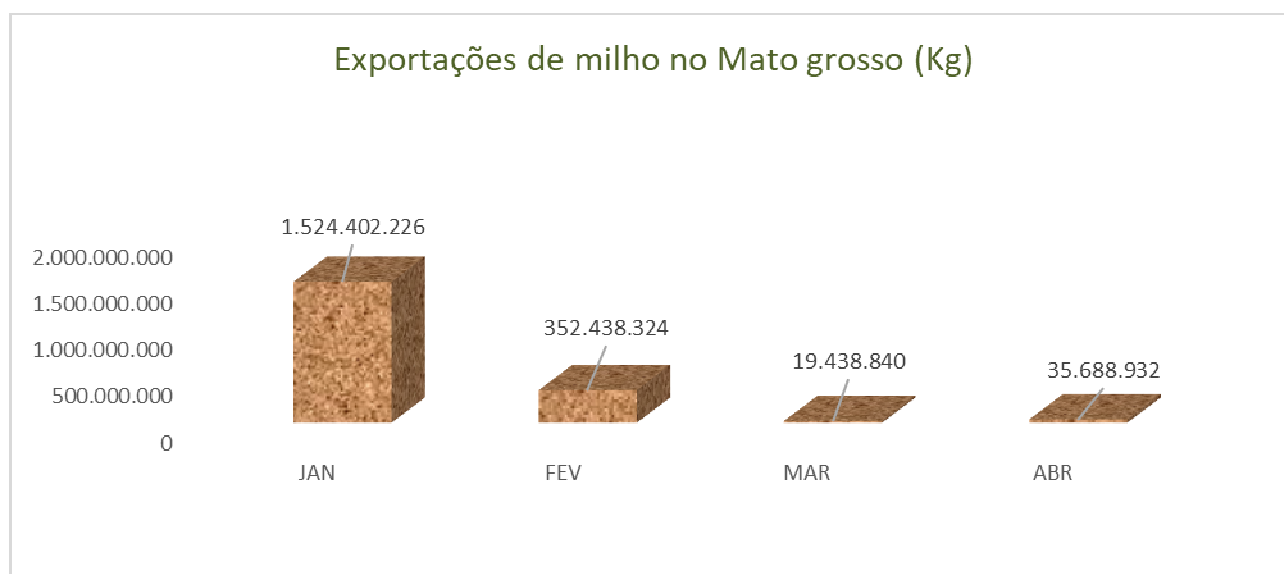
Em um período de entressafra mesmo com todo o suporte para preços remuneradores, a questão é a disponibilidade de produto que, aliada à possibilidade de redução da oferta em função do plantio ter sido realizado fora da janela ideal, tem trazido preocupações adicionais para o abastecimento interno e para as exportações devido ao menor espaço temporal para a operacionalização.

Adicione a esse cenário o fato da comercialização antecipada da safra 20/21 que ultrapassou 72% de negociações, o que limita a disponibilidade para outras cadeias que somente comparecem no mercado na necessidade imediata. Segue, portanto, a preocupação quanto ao desenrolar da segunda safra de milho no Brasil.

Embora o volume acumulado das exportações brasileiras no período de janeiro a abril de 2021 seja superior ao mesmo período de 2020, 3,6 milhões de toneladas contra 2,9 milhões, após o mês de janeiro, os volumes têm caído significativamente em função da falta de milho no mercado interno. Se permanecerem as expectativas de menor oferta para a safra 20/21, algumas cadeias do mercado interno terão que pagar a paridade de importação.

No estado do Mato Grosso, a realidade não poderia ser diferente. O volume acumulado de janeiro a abril de 2021 foi de 1,9 milhões de toneladas, acima dos 1,4 milhões registrados no mesmo período, mas, também, com declínio acentuado no decorrer dos quatro meses iniciais desse ano (Gráfico1).

GRÁFICO 1 / Exportações mensais de milho no Mato Grosso em 2021



Fonte: Comexstat

A análise de mercado da Conab, aponta que os preços internacionais da soja (spot) na Bolsa de Valores de Chicago (CBOT) alcançaram nova máxima em 9 anos, recebendo suporte da forte demanda internacional, dos baixos estoques dos Estados Unidos e especulações quanto as condições climáticas desfavoráveis ao plantio norte americano, conforme <https://www.conab.gov.br/info-agro/analises-do-mercado-agropecuario-e-extrativista/analises-do-mercado>.

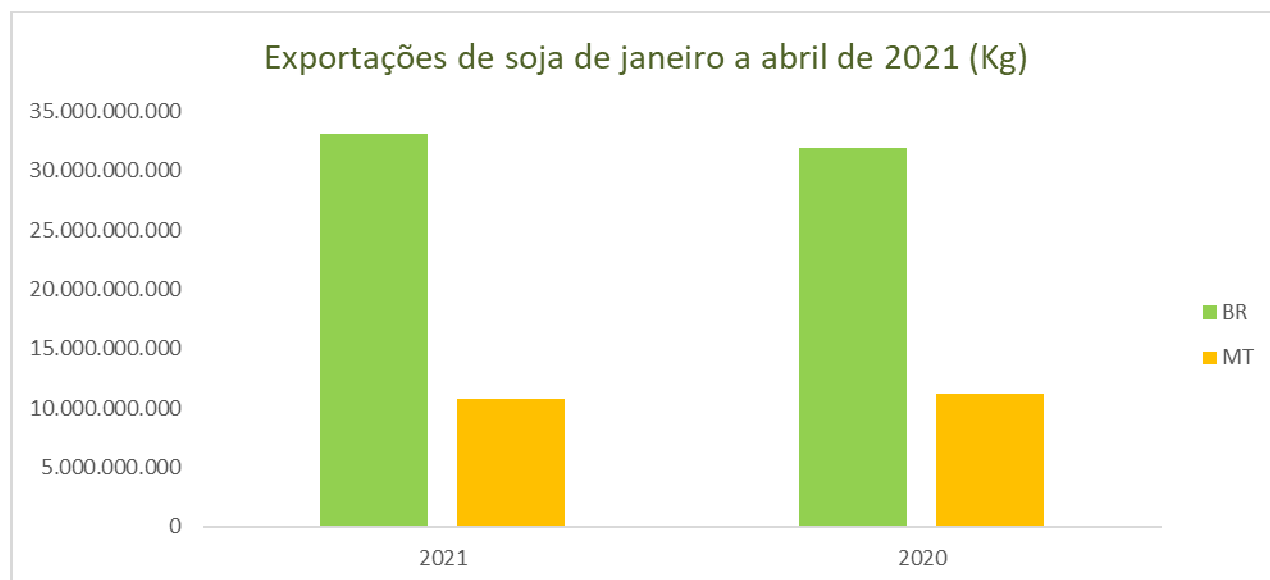
No estado do Mato Grosso, com a colheita terminada no mês de abril, a comercialização da soja da safra 20/21 esteve próxima de 80% com preços historicamente altos, contudo já se observa pouca movimentação no mercado interno devido a uma certa cautela para fechamento de novos negócios ao que tudo indica na expectativa de maior rentabilidade.

Nesse contexto as exportações brasileiras de janeiro a abril de 2021 registraram um volume de 33,1 milhões de toneladas ligeiramente acima dos 32 milhões acumulados no mesmo período do ano passado, com o estado do Mato Grosso representado cerca de 33% do volume total (Gráfico 2).

No estado do Mato grosso a exportação nesse mesmo período de três meses, também registrou um volume menor que o apontado no ano passado, 6,4 milhões de toneladas em 2021 contra 6,9 milhões de 2020. Acompanhando a ocorrência registrada no Brasil no mês de março de 2021 o estado exportou um volume recorde de 4,5 milhões de toneladas (Gráfico 2).

A expectativa da Conab <https://www.conab.gov.br/info-agro/safras/graos> é que as exportações brasileiras de soja devem alcançar o recorde de 85,6 milhões de toneladas, em função dos preços recordes do mercado internacional e do aumento da produção nacional. Para atingir essa meta será necessário que a China, o maior comprador da soja brasileira, permaneça com uma forte demanda. Nos últimos dois meses de 2021 a preferência foi pela soja dos Estados Unidos.

GRÁFICO 2 / Evolução das exortações de soja em 2021



Fonte: Comexstat

/ Adubos e Fertilizantes

A crescente importação de adubos e fertilizantes no Brasil está relacionada com o potencial do agronegócio e por isso permanece o cenário de compras antecipadas agressivas no mercado internacional. Os estados que se destacam nas importações desses insumos pela ordem grandeza são: Mato Grosso, Rio Grande do Sul, Paraná e São Paulo.

O produtor capitalizado e com uma relação de troca favorável em função dos altos preços dos grãos, por exemplo, tem comprado volumes recordes o que comprova que o agronegócio brasileiro tem uma tendência de crescimento já estabelecida no mercado.

As incertezas, em especial de desabastecimento por questões logísticas devido à pandemia e a alta do dólar, deram a impressão de que haveria uma queda nos volumes de importação daqueles insumos, mas, durante todo o ano passado as importações se mantiveram estáveis com volumes lineares

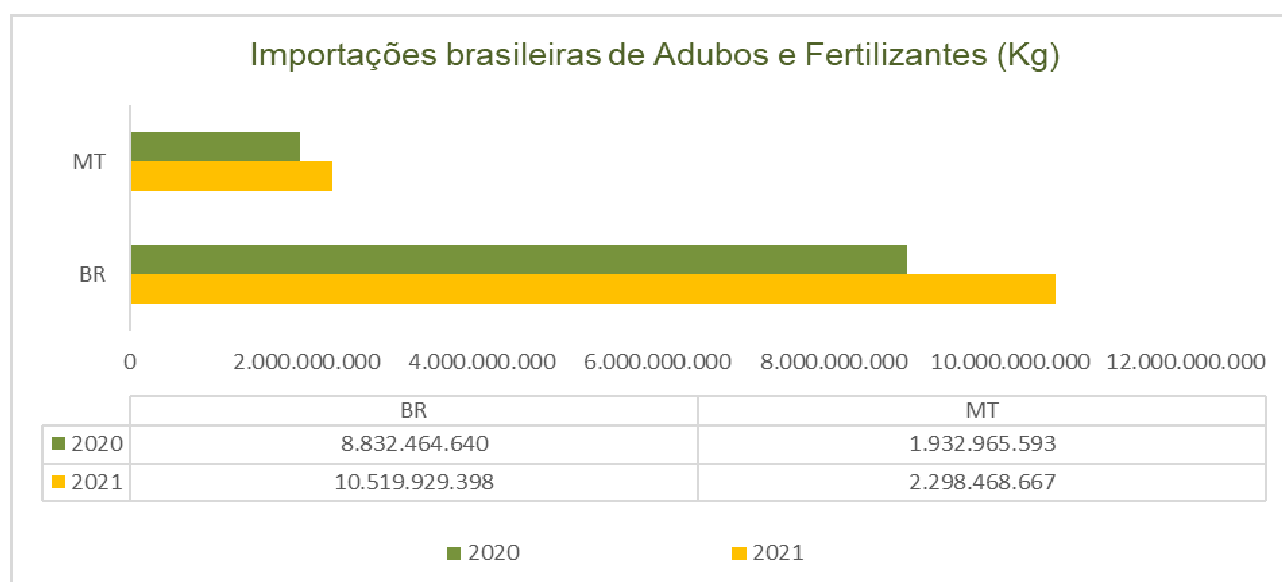
As importações brasileiras de adubos e fertilizantes no período de janeiro a abril de 2021 apresentaram um volume de 10,5 milhões de toneladas, acima dos 8,9 milhões registrados no mesmo período de 2020 que já tinha sido recorde (Gráfico 3). Os dez países que lideram o ranking de maiores exportadores de adubos e fertilizantes para o Brasil, começam com a Rússia, depois China, Canadá, Marrocos, Belarus, Catar, Estados Unidos, Alemanha e Holanda

Esses insumos representaram cerca de 43% do total de produtos importados através dos Portos de Paranaguá e Antonina. Nos quatro primeiros meses do ano, foram 3.221.386 toneladas trazidas do exterior. No mesmo período em 2020, foram 2.875.263 toneladas.

Considerando esse aumento do volume das importações, cresceu também a movimentação portuária com destaque para os tradicionais, porto de Paranaguá, Santos, Rio Grande e São Francisco do Sul, mas, chamou atenção a inclusão do porto de Itaquí com um volume expressivo de quase um milhão de toneladas, para atender os estados do Centro Oeste, mas, sobretudo pela infraestrutura existente para receber navios de maior porte.

Nesse período de janeiro a abril de 2021 os portos de Paranaguá e Santos foram responsáveis por 54% das importações recebidas no Brasil.

GRÁFICO 3 / Importação brasileiras de Adubos e Fertilizantes de janeiro a abril de 2021



Fonte: Comexstat

/ Gargalos logísticos - Armazenagem

Inicialmente regulamentada pelo decreto nº 1.102, de 21 de novembro de 1903, que instituiu regras para o estabelecimento de empresas de armazéns gerais, determinando os direitos e obrigações dessas empresas, após a publicação de outras leis e decretos que regulamentavam assuntos ligados a atividade, em 29 de maio do ano de 2000 foi publicado, no Diário Oficial da União, a Lei nº 9.973, regulamentada pelo Decreto nº 3.855, de 3 de julho de 2001, que disciplina as atividades de armazenagem de produtos agropecuários, seus derivados, subprodutos e resíduos de valor econômico, sem mesmo revogar o decreto de 1903.

Importante ressaltar para contextualizar a atuação do governo, foi a publicação, anteriormente a nova regulamentação para armazenamento no Brasil, da Lei nº 8.171, em 17 de janeiro de 1991, onde foram destacados a ratificação da utilização da Política de Garantia de Preços Mínimos – PGPM para formação de estoques, a oficialização do Seguro Rural e a obrigatoriedade do cadastramento das unidades armazenadoras.

A armazenagem de grãos, dentre outras definições, é o processo de guardar os grãos produzidos com o intuito de preservar suas qualidades físicas e químicas desde a colheita até o abastecimento. Em síntese, esse processo envolve uma sequência de operações como limpeza, secagem, armazenagem, tratamento fitossanitário, classificação, transporte, entre outros.

O sistema de armazenagem é um dos componentes da política agrícola e pecuária regulamentado pelo Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa), cuja finalidade principal é garantir o fluxo de abastecimento constante, preservar a rentabilidade do produtor rural, proporcionando maior estabilidade de preços e de mercado.

Muito além da preocupação de que a armazenagem propicie a guarda e conservação do produto em estoque, em face das exigências para o abastecimento interno e, sobretudo, a qualidade determinada pelo mercado internacional, fatores vitais para o Brasil se manter como importante fornecedor de alimentos para o mundo, a atividade de armazenamento agrícola sempre vai necessitar de aprimoramentos em suas operações, qualificação de mão de obra e tantos outros assuntos intrínsecos a manutenção da qualidade principalmente dos alimentos.

No momento que o Brasil passa a se destacar no mercado internacional e cresce a demanda interna para o consumo de milho, como por exemplo, para a obtenção de etanol e como insumo importante para as empresas de fabricação de proteína animal, a armazenagem nacional passa a ser determinante nas etapas da produção e logística para escoamento de safras cada vez maiores.

Nesse sentido, há uma preocupação com a capacidade estática disponível versus a produção de grãos. Este assunto tem sido debatido pela Conab que tem apresentado algumas propostas para mitigar os problemas decorrentes. Entretanto, existe uma corrente de pensamento onde essa situação ainda não está criando um gargalo definitivo ou que já esteja causando problemas.

Estudos desenvolvidos pela Superintendência de Armazenagem da Companhia Nacional de Abastecimento - Conab, apontam que há um descolamento entre produção e capacidade estática disponível, mas, não de forma generalizada no país e que a situação é mais grave especialmente em algumas regiões produtoras e períodos do ano, mas que ainda não se configura um gargalo.

Isso pode acontecer nos próximos cinco anos. Diferentemente de países como os EUA, é preciso ressaltar que não precisamos ter armazenagem estática para 100% da produção porque temos várias safras por ano. O importante é que haja na região uma capacidade estática que suporte o fluxo de produtos até o final da comercialização.

Existem trabalhos que corroboram com essa linha de raciocínio, em função de o confronto da produção agrícola e a capacidade de armazenamento não seria tão determinante devido à existência, no Brasil, de várias safras que não são simultâneas e os produtos podem ter escoamento rápido com os volumes sob armazenagem se alterando bastante em face das expectativas de preços.

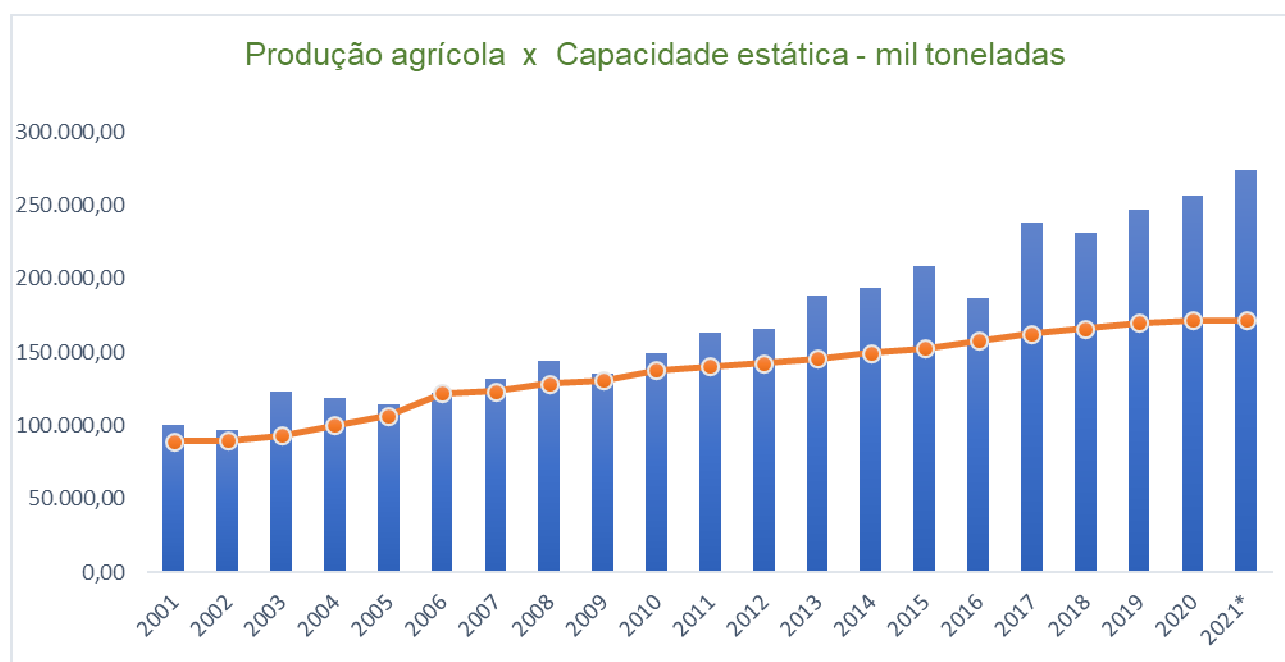
O fato é que a obrigatoriedade do levantamento da capacidade estática e cadastramento das unidades armazenadoras, desde 1991, não escondeu a realidade brasileira quanto ao espaço de armazenagem não corresponder aos volumes da produção durante anos.

Mesmo antes do cadastro de unidades armazenadoras ser obrigatório a partir de 1991 (Lei 8.171/91), quando a partir desse ano a coordenação da atividade passou a ser da Conab que após a fusão das empresas Cibraze, Cobal e CFP, em 1974, a Cibraze que era responsável pelo estabelecimento e coordenação da política de armazenamento nacional, lançou o Cadastro Nacional de Unidades Armazenadoras e em 1975 apontou um total de 11.689 unidades e uma

capacidade estática de 35,8 milhões de toneladas, em ambiente natural, para uma produção agrícola nacional ao redor de 40,1 milhões.

A questão da capacidade estática de armazenagem no Brasil não acompanhar a evolução da produção é histórica e de conhecimento geral em todos esses anos. A observação é que no ano de 2006, chegamos muito próximos do equilíbrio, mas, a tendência foi o deslocamento total que perdura até o momento (Gráfico 4).

GRÁFICO 4 / Comparação do volume de safra versus a disponibilidade de capacidade estática



Fonte: Conab

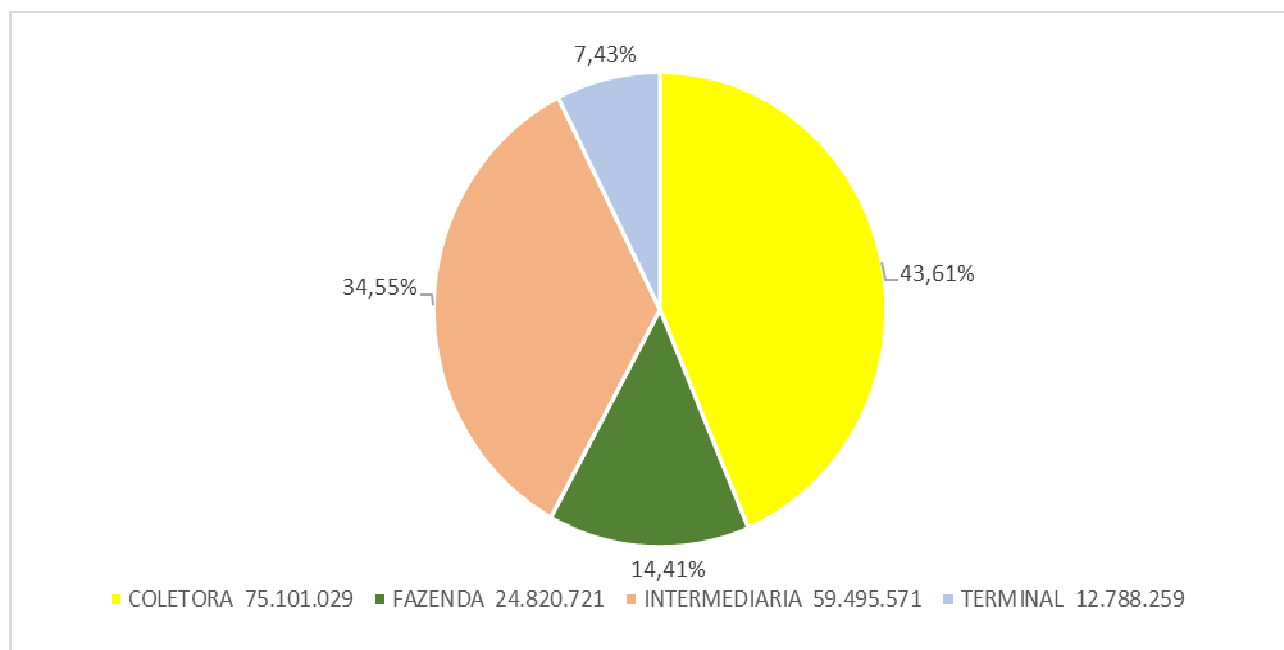
*Projeção 7º levantamento de safra da Conab

Um aspecto importante acerca da armazenagem, ainda pouco explorado, tem a ver com a correlação espacial existente, entre a produção e a localização dos armazéns no Brasil. Fica evidente que a localização nas propriedades rurais seriam as unidades armazenadoras com o melhor propósito logístico e financeiro para os produtores rurais, possivelmente, o elo mais fraco da cadeia, mas o que determina todo o restante das operações, em função de que o fruto do seu trabalho é a produção agrícola, a safra.

A análise do mercado internacional aponta para uma realidade bem distinta da existente no Brasil. Na Argentina a capacidade instalada nas fazendas representa 40%, na Austrália 35%, no Canadá 85%, nos Estados Unidos 65% e na Europa, a participação dessas unidades é de 50%.

No Brasil o mapa da localização das unidades armazenadoras está estagnado há muito tempo, das 172.205.580 toneladas de capacidade estática cadastradas, somente 24.820.721 toneladas estão nas fazendas (14,41%) e infelizmente parece ainda não haver um consenso de que o armazenamento é tão importante quanto o transporte, e faz parte preponderante do processo logístico (Gráfico 5).

GRÁFICO 5 / **Localização espacial das estruturas de armazenagem existentes no Brasil – Ton**



Fonte: Conab

Apesar de existirem muito financiamentos com taxa de juros subsidiadas, o produtor rural ainda não se convenceu de que os custos da construção de uma unidade armazenadora em sua propriedade pode trazer benefícios a médio prazo e que alternativas de armazenamento não convencionais geram custos sem retorno a cada safra, muito bom para quem tem margem rentáveis e necessitam armazenar por curtos períodos como as *tradings*.

As vantagens podem e devem ser enumeradas para possibilitar o entendimento de ter uma UA na fazenda. Tem a minimização das perdas, tanto quantitativas quanto qualitativas, observadas na fazenda, geradas por atrasos na colheita ou armazenagem inadequada; Redução no custo de transporte, tendo em vista que no período de safra, devido à alta oferta de grãos, o preço do transporte atinge o seu ápice; Aumento do rendimento da colheita, por evitar filas de caminhões nas unidades coletoras ou intermediárias; Aumento da qualidade da safra, pois não ocorre mais grandes acúmulos de produtos a serem processados inadequadamente em um mesmo período de safra; Aumento do poder de negociação dos produtores, ao passo que podem escolher a melhor época para comercializarem sua produção.

Com a safra estocada, o mercado pode sofrer oscilações e propiciar ao produtor rural melhor rentabilidade, inclusive na hora de comprar insumos com pagamento em produto. A relação de troca vai indicar o melhor momento de a operação ser realizada.

Não se pode deixar de mencionar a clássica condição de armazenar nas fazendas e pulverizar a oferta com vantagens nos preços significativas, pois, existem cadeias que compram mais tarde a luz da necessidade de sua utilização, outros se antecipam para garantir a matéria prima de sua atividade e/ou cumprir contratos de exportação, ou seja, maior controle sobre a valoração de seu trabalho, esse é o ganho do produtor rural.

A armazenagem se constitui num foco de preocupação e inevitáveis comparações, dificultando o pleno desenvolvimento do agronegócio. Portanto, se a expectativa é aumentar as exportações de grãos e suprir a crescente demanda interna, é necessário que se invista não só na produção (máquinas e tecnologia de plantio e colheita), mas também na armazenagem de qualidade, sem o qual o crescimento do setor agrícola com tão grande potencial pode encarar um gargalo tornando-o inviável.

Guardadas as devidas proporções dos números e considerando a rotatividade dos produtos a serem estocados, as soluções intermediárias oferecidas para armazenamento não convencionais pelo mercado (Silos Bag), merece uma reflexão quanto a essa necessidade em função de que existe uma linha muito tênue entre seguir produzido mais e com

melhor qualidade e acreditar que a armazenagem tradicional nas fazendas pode dar a segurança que o produtor rural esta esperando para avançar, aumentar sua produção, o que vai contribuir para o avanço do Brasil como importante e sustentável fornecedor de alimentos (Tabela 2).

TABELA 2 / Comparativo da produção agrícola versus capacidade estática de armazenagem

U.F.	PRODUÇÃO AGRÍCOLA POR PRODUÇÃO SAFRA 2020/2021 (em mil de t)						PRODUÇÃO TOTAL SAFRA 2020/2021			CAPACIDADE ESTÁTICA (em mil de t)			CORRELAÇÃO capacidade/produção		
	ALGODÃO	ARROZ	FEIJÃO	MILHO	SOJA	TRIGO	CONV.	GRANEL	TOTAL	CONV.	GRANEL	TOTAL	CONV.	GRANEL	TOTAL
AC		4,7	3,7	88,9	18,9		3,7	112,5	116,2	28,6	0,0	28,6	24,9	-112,5	-87,6
AL	0,8	21,4	18,8	62,6	8,6		19,6	92,6	112,2	201,9	348,9	550,8	182,3	256,3	438,6
AM		16,2	2,5	23,2	10,5		2,5	49,9	52,4	37,1	311,9	349,0	34,6	262,0	296,6
AP		0,9	0,8	1,4	59,3		0,8	61,6	62,4	5,7	0,0	5,7	4,9	-61,6	-56,7
BA	484,9		270,2	2.624,2	6.633,9	17,1	755,1	9.275,2	10.030,3	883,3	4.643,6	5.526,9	128,2	-4.631,6	-4.503,4
CE	0,8	16,1	119,4	447,6			120,2	463,7	583,9	195,4	168,0	363,4	75,2	-295,7	-220,5
DF			39,3	477,8	292,0	11,3	39,3	781,1	820,4	136,8	253,0	389,8	97,5	-528,1	-430,6
ES		0,4	9,8	33,3			9,8	33,7	43,5	727,1	670,6	1.397,7	717,3	636,9	1.354,2
GO	46,3	129,2	326,1	12.139,2	13.719,5	175,2	372,4	26.163,1	26.535,5	898,1	13.121,5	14.019,6	525,7	-13.041,6	-12.515,9
MA	43,1	172,3	26,2	2.200,7	3.202,6		69,3	5.575,6	5.644,9	90,0	2.699,3	2.789,3	20,7	-2.876,3	-2.855,6
MG	52,7	7,1	588,1	8.821,1	7.021,7	217,1	640,8	16.067,0	16.707,8	3.825,7	6.222,6	10.048,3	3.184,9	-9.844,4	-6.659,5
MS	45,3	70,0	29,2	11.201,1	11.620,2	69,6	74,5	22.960,9	23.035,4	605,2	9.543,3	10.148,5	530,7	-13.417,6	-12.886,9
MT	1.772,5	420,3	380,7	36.593,3	35.751,8		2.153,2	72.765,4	74.918,6	1.487,7	37.184,4	38.672,1	-665,5	-35.581,0	-36.246,5
PA		108,9	20,1	974,1	2.136,6		20,1	3.219,6	3.239,7	195,0	1.532,8	1.727,8	174,9	-1.686,8	-1.511,9
PB	0,6	2,3	52,2	76,8			52,8	79,1	131,9	54,6	35,7	90,3	1,8	-43,4	-41,6
PE		4,1	102,0	174,1			102,0	178,2	280,2	242,6	264,5	507,1	140,6	86,3	226,9
PI	15,4	92,6	108,7	2.137,2	2.829,4		124,1	5.059,2	5.183,3	95,2	1.043,0	1.138,2	-28,9	-4.016,2	-4.045,1
PR	0,9	147,9	751,6	16.529,4	20.197,8	2.927,8	752,5	39.802,9	40.555,4	1.667,1	28.189,8	29.856,9	914,6	-11.613,1	-10.698,5
RJ		0,4	1,3	3,2			1,3	3,6	4,9	110,5	25,2	135,7	109,2	21,6	130,8
RN	0,4	3,1	24,4	37,3			24,8	40,4	65,2	54,7	5,3	60,0	29,9	-35,1	-5,2
RO	11,7	139,5	3,8	1.018,7	1.282,4		15,5	2.440,6	2.456,1	172,2	971,5	1.143,7	156,7	-1.469,1	-1.312,4
RR	0,0	83,5	2,1	90,0	201,3		2,1	374,8	376,9	35,4	113,4	148,8	33,3	-261,4	-228,1
RS		7.730,8	84,1	4.338,0	20.066,9	2.500,4	84,1	34.636,1	34.720,2	2.347,0	28.598,8	30.945,8	2.262,9	-6.037,3	-3.774,4
SC		1.180,3	98,6	2.170,2	2.474,5	180,1	98,6	8.172,9	8.271,5	806,4	5.069,7	5.876,1	707,8	-3.103,2	-2.395,4
SE		30,2	3,5	917,4			3,5	947,6	951,1	4,5	9,0	13,5	1,0	-938,6	-937,6
SP	7,4	39,8	180,1	4.560,9	4.299,4	272,4	187,5	9.172,5	9.360,0	4.199,3	9.239,5	13.438,8	4.011,8	67,0	4.078,8
TO	10,8	672,8	40,7	1.223,9	3.713,0		51,5	5.609,7	5.661,2	313,1	2.053,5	2.366,6	261,6	-3.556,2	-3.294,6
TOTAL	2.493,6	11.094,8	3.288,0	108.965,6	135.540,3	6.371,0	5.781,6	264.139,5	269.921,1	19.420,2	152.318,8	171.739,0	13.638,6	-111.820,7	-98.182,1

Fonte :Conab

Observações:

Dados da capacidade estática – 30.03.21

Dados produção: 7º levantamento da Conab abril/21

Armazéns convencionais – algodão em pluma e feijão

Armazéns a granel – arroz, milho, soja e trigo

Pelo lado dos produtores rurais, o problema já existe e a construção de armazéns nas suas propriedades representa um alto custo de investimento para construir em locais de armazenamento adequados, que atendam aos requisitos mínimos de qualidade e segurança. Ademais, grande parcela dos produtores brasileiros são de agricultura familiar, o que dificulta ainda mais os investimentos de construção de seus próprios armazéns.

Existe um trabalho realizado pelo Serviço Nacional de Aprendizagem Rural - SENAR que indica que o armazenamento dos grãos em silo próprio, realizando a comercialização na entressafra, pode refletir em ganhos de até 55%. Contudo, cabe frisar que, juntamente com o investimento na implantação de armazenagem dentro da propriedade rural, o produtor deve ser capacitado em ferramentas de comercialização, buscar constantemente informações de mercado que permitam uma tomada de decisão comercial mais correta e saber o custo de carregamento mensal do estoque para ter uma noção de prazo máximo de manter parte de sua produção estocada na fazenda.

O governo federal chegou a lançar programas de construção e ampliação de armazéns, entre outros, a juros abaixo dos praticados no mercado, porém eles não avançaram.

BOLETIM Logístico

ANO V – ABRIL 2021

Dada a importância do tema é notório o conhecimento de que uma unidade armazenadora, tecnicamente projetada e convenientemente localizada, constitui uma das alternativas para aumentar os retornos econômicos dos sistemas produtivos de grãos, facilitando a logística e promovendo melhor competitividade. Apenas poderia se pensar em começar pelo incentivo governamental ao aumento da capacidade estática nas fazendas, o que seria um grande passo para trazer tranquilidade ao produtor rural.

Ótima oportunidade para o governo federal apresentar medidas que contemplem subvenções mais fortes para atingir essa meta, pois, a justificativa técnica para o pleito tem sustentação.

Movimentação de estoques da Conab

As contratações para transporte de produtos dos estoques reguladores da Conab continuam a acontecer, amparadas pelo Ofício n.º 909/2020, de 21 de dezembro de 2020, do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento – MAPA, que disponibilizou 170 mil toneladas de milho dos estoques públicos para o programa Vendas em Balcão.

A contratação para o transporte de milho em grãos foi feita através dos avisos n.ºs 13, 23, 25 e 30 que objetivou transferir produto para atendimento do programa e estão em andamento, de acordo com a tabela abaixo.

O primeiro edital para contratação de transporte para distribuição de cestas de alimentos, de acordo com o TED n.º 08/2020, que objetiva distribuir cestas de alimentos à públicos em situação de insegurança alimentar (indígenas, extrativistas e pescadores), devido à Covid-19, foi realizado no fim de março, edital n.º 26/2021 e foi executado com sucesso. Outros editais para a mesma finalidade foram lançados e, até agora, o mercado se mostra interessado nessas operações, tendo negociação em 100% dos avisos lançados.

Para consulta de todas as operações de frete da Conab, clicar no link: [Contratação de fretes](#).

TABELA 4 / **Remoções 2021 – Quantidades embarcadas até 30.04.2021**

AVISOS (Nº)	PRODUTO	KG CONTRATADO	DESÁGIO (%)	VALOR MÉDIO CONTRATADO (R\$/t)*	ADITIVO	KG REMOVIDO	KG A REMOVER	% REALIZADO
13***	MILHO	6.152.220	17,79	402,44	0	1.389.460	2.733.480	22,58
1000**	MILHO	0	0	0	0	0	0	0,00
23***	MILHO	35.558.198	15,86	418,33	0	17.180.960	14.088.558	48,32
25***	MILHO	11.241.802	14,22	441,67	0	4.439.550	3.802.252	39,49
26	CESTA	392.238	38,47	483,12	0	339.438	52.800	86,54
30	MILHO	2.065.040	21,51	417,43	0	1.089.880	975.160	52,78
31	CESTA	2.114.464	14,91	270,98	0	0	2.114.464	0
33	CESTA	343.662	16,15	231,91	0	0	343.662	0

Fonte: Conab

*Valor médio contratado sem ICMS;

** Aviso de Frete direcionado para Cooperativa de Transportadores Autônomos (Lei nº 13.713/18);

*** Avisos de Frete 13, 23 e 25 tiveram saldos parcialmente cancelados.